

Revista mantida por grupos de pesquisa em História sediados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e na Universidade Regional do Cariri (URCA), especializada na publicação de artigos de revisão e resenhas de livros de História e Memória.



Sueli Carneiro (à direita) esteve na FEA a convite de Antônia Quintão (à esquerda) | Foto: [Marcos Santos/USP Imagens](#)

## **Raça, poder e saberes – Resenha de *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*, de Sueli Carneiro**

**Igor Evangelista dos Santos (UFS)**

**Resumo:** *O Dispositivo de Racialidade*, de Sueli Carneiro, analisa o racismo estrutural no Brasil por meio de categorias foucaultianas. Marcado por linguagem pouco acessível e escassa interlocução com intelectuais negras brasileiras. Destaca-se pela originalidade conceitual, profundidade analítica e articulação entre teoria crítica e experiências negras.

**Palavras-chave:** racialidade; epistemicídio; resistência; biopoder.

O *Dispositivo de racialidade*, publicado pela editora Zahar, em 2023, originada da tese de doutorado da filósofa Sueli Carneiro, é um trabalho de filosofia política. A obra tem a finalidade de compreender as agências da racialidade no Brasil a partir da operacionalização de categorias foucaultianas. A tese central do livro é que a racialidade se configurou como um dispositivo de poder, que subjuga sujeitos negros, passo que promove sujeitos brancos. O livro é dividido em três partes, sendo elas: parte I – Poder, saber e subjetivação; parte II – Resistências; Parte III – Educação e o cuidado de si.



Aparecida Sueli Carneiro é uma filósofa, ativista histórica da causa negra no Brasil. É fundadora e atual diretora do Geledés – Instituto da Mulher Negra e considerada uma das principais autoras do feminismo negro no Brasil. Possui doutorado em Educação Universidade de São Paulo (USP). Ela foi a primeira mulher negra a receber o título de doutora honoris causa da Universidade de Brasília.

Na parte I do livro, a autora dedica-se a delinear as categorias que fundamentam seu entendimento sobre as relações raciais no Brasil. Carneiro articula as categorias foucaultianas de dispositivo e biopoder, que, unidas ao conceito de epistemicídio de Boaventura de Sousa Santos, embasam a estrutura conceitual que a autora propõe: dispositivo de racialidade. Para Carneiro, a racialidade no Brasil age como um dispositivo de poder que é, em sentido foucaultiano, um conjunto que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas e filantrópicas, articulando-se para atender a uma urgência histórica. O dispositivo resulta na produção de poderes e saberes, que, por sua vez, retroalimentam-no. Além disso, o dispositivo instaura uma divisão ontológica entre os sujeitos, estabelecendo um núcleo padronizado ou desejável, que é o “Ser” e, em contraposição, institui o “Outro”, que contém os sujeitos externos ao padrão estabelecido. O “Outro”, nesse sentido, é construído como oposição e como fundamento de afirmação do “Ser”.

Ainda na primeira parte, Carneiro elucida que racialidade enquadra-se como um dispositivo ao estabelecer uma divisão ontológica entre o “Branco” - ser hegemônico, dotado de virtudes – e o “Negro” ou “não branco” – sujeitos intrinsecamente inferiores. A racialidade, para a autora, articula poderes e saberes visando a reprodução de uma hierarquia social estratificada pelo elemento racial. Encerrando a parte I, Carneiro demonstra a agência do biopoder, como uma tecnologia de poder que atua articulada ao dispositivo, visando disciplinar e controlar a vida do “Outro”. Ao ser ativado, o biopoder manipula o signo da morte, atuando no extermínio ou negligenciamento das massas racializadas. No Brasil, isso se manifesta como violência e negligência no acesso à saúde para mulheres negras e como genocídio por meio da violência estatal e policial para homens negros, evidenciando que o próprio Estado se estrutura a partir do racismo como elemento legitimador desse extermínio. Além do dano físico, para Carneiro, outra face desse dispositivo de racialidade é o epistemicídio – no sentido empregado por Boaventura de Sousa Santos - que deslegitima e silencia os conhecimentos, saberes e produções intelectuais de sujeitos, coletivos e instituições negras, estabelecendo uma ordem hierárquica que valoriza apenas o conhecimento produzido pelo núcleo branco e institucional.

Na parte II do livro, Carneiro manipula a categoria de resistência. Em consonância com Foucault, a autora considera que a todo dispositivo de poder é intrínseco a emergência de polos de resistência, e redireciona essa perspectiva aos moldes da agência negra no Brasil.

Portanto, ao analisar a atuação conjunta do dispositivo de racialidade, do biopoder e do epistemicídio, Carneiro constata estratégias de sobrevivência física e cognitiva de sujeitos racializados, que se contrapõe aos processos de exclusão racial podendo, inclusive, integrar projetos de emancipação individual ou coletivos. A autora enquadra esses movimentos de negação discursiva como polos de resistência ao dispositivo de racialidade.

Dentro disso, ainda na parte II do livro, Carneiro dedica-se a apresentar testemunhos de militantes negros brasileiros, que representam resistência ao dispositivo de racialidade. Nessa perspectiva, são contadas as histórias de Edson Cardoso – militante histórico do movimento negro. Sônia Nascimento – militante, advogada especialista em direito de família, direitos humanos e de mulheres e negros. Fátima Oliveira - médica, militante feminista e antirracista, autora especialista nas áreas de direitos reprodutivos e da saúde da população negra. Arnaldo Xavier – escritor e poeta, expoente da poesia negra no Brasil. Carneiro utiliza esses depoimentos como substrato analítico, que revela não apenas a ingerência da racialidade na vida dos sujeitos, mas, principalmente, enfrentamento e resistência ao dispositivo racial brasileiro.

Na parte III, Carneiro explora a educação e o “cuidado de si” como instrumentos de resistência e emancipação para pessoas negras. A filósofa analisa o campo educacional a partir dos depoimentos apresentados na parte II, as interações dos entrevistados com o ambiente escolar, com a família e outros agentes importantes na formação da identidade racial e na luta contra o dispositivo de racialidade. Nesse contexto, a autora discute o epistemicídio como prática de silenciamento da intelectualidade negra, categorizando-o como uma introjeção racista dentro do campo educacional. Dentro disso, Carneiro propõe uma educação emancipatória e o “cuidado de si” como uma resposta à subjugação e subalternização de negros e negras no Brasil, transformando a autonomia individual em emancipação coletiva, criando espaços de pertencimento e reconhecimento, resgatando a história das lutas coletivas dos negros como forma de combater o epistemicídio dentro de um horizonte emancipador.

A tese de Sueli Carneiro tem se consolidado como um clássico dos estudos sobre relações raciais no Brasil, por consequência disso, *Dispositivo de racialidade* fora objeto recorrente de resenhas nos últimos anos. Frente a isso, é conveniente discutir alguns trabalhos que teceram contribuições sobre a obra de Carneiro. A exemplo, *Racismo no Brasil* (2023), de Luciana Matos, publicada na *Crítica Historiográfica*, discute uma série de elementos do livro em questão. Para a autora, Carneiro peca ao inculcar na escrita do livro o “hábito dos filósofos de falar para os pares, ao romper com o senso comum, não faz com que sua filosofia política e a estruturação de um novo conceito tornem-se acessíveis ao mundo não acadêmico” (Matos, 2023). Além disso, Matos acusa superficialidade na apresentação do conceito foucaultiano de resistência, contrastando com a forma que Carneiro delinea as categorias de *dispositivo e biopoder*.

Já Luciana Vieira, em sua resenha *Educação positivada* (2024), também publicada na mesma revista, critica a falta de diálogo da autora com pensadoras negras como Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento. Para Vieira, a escolha de Foucault como base conceitual da obra gera um desconforto, considerando que nessa forma epistemológica está inculcada uma visão europeia e branca. No entanto, a autora reconhece que Carneiro denuncia essa ausência em sua introdução, posicionando sua estratégia como uma forma de ocupar o espaço acadêmico e dialogar com o “eu hegemônico”.

Gabriel Delphino, em *A filosofia prática de Sueli Carneiro: o dispositivo de racialidade no racismo brasileiro* (2024), publicada na *Tempo Social*, oferece uma análise relacional entre Carneiro, Silvio Almeida e Muniz Sodré. Delphino critica a amplitude da abordagem de Carneiro,

argumentando que a generalidade do conceito de dispositivo dificulta a identificação de manifestações concretas e cotidianas do racismo. Além disso, questiona o destaque dado à educação como ferramenta de enfrentamento, defendendo que ela tem alcance limitado diante de problemas urgentes, como a sub-representação política e a desigualdade de renda.

Ainda assim, todas as resenhas reconhecem o valor analítico e político da obra de Carneiro, sua originalidade e profundidade teórica. Outros trabalhos que merecem ser referenciados são os de Luiz Soares (2023), Bianca Santana (2023), Marcos Silva e Maurício Silva (2024).

Em nosso entendimento, a crítica de Matos sobre a acessibilidade da linguagem da obra é pertinente. Para um livro que visa contribuir para um projeto emancipatório, é fundamental que sua linguagem seja acessível a diferentes públicos, especialmente aos movimentos sociais. No entanto, também é preciso reconhecer que o tipo de análise proposta por Carneiro exige rigor teórico, uso de conceitos densos e articulação complexa de categorias, elementos que justificam a densidade da escrita da autora. Dentro disso, estamos em consonância com Matos sobre a brevidade com que a categoria de resistência é definida na obra de Carneiro, especialmente considerando a precisão com que as categorias de dispositivo e biopoder são delineadas.

Comungamos do incômodo de Luciana Viera (2024), no que tange ao pouco diálogo com intelectuais negras brasileiras, como Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento. Conceder espaço, referenciar e dialogar com intelectuais negros e negras, sempre que possível, é também uma forma de combate aos silenciamentos imputados pelo epistemicídio. Ainda que seja possível identificar a influência da obra de Lélia Gonzalez no texto de Sueli Carneiro e em outras produções da autora, principalmente na articulação entre raça, gênero e classe.

A crítica de Gabriel Delphino à amplitude da abordagem de Carneiro é compreensível e bem pontuada, dada as inúmeras facetas do racismo no Brasil. Entretanto, é necessário considerar a complexidade da realidade social, que impossibilita formular, desenvolver e articular categorias que apreendam todos os aspectos de fenômenos sociais em um único livro. Esse seria um trabalho imensurável e careceria da articulação de diferentes graus de abstração, indo do macro ao micro, sendo possível apenas por meio de construção coletiva ou individual a longo prazo. Em relação à crítica de Delphino sobre o campo educacional, compreendemos que a educação, por si só, não resolve de imediato questões como desigualdade econômica ou a violência policial, ainda assim, o processo educacional desempenha um papel essencial na construção de subjetividades e no longo prazo da luta antirracista. O desafio está em articular esse campo com transformações materiais concretas, enfrentando os interesses econômicos e políticos que mantêm a precarização da educação e da vida de pessoas negras.

Discutindo especificamente o *Dispositivo de racialidade*, consideramos como uma deficiência no livro Carneiro a ausência de uma confrontação teórico-metodológica com outras proposições de intelectuais negros brasileiros. Isto é, sustentar a adesão das categorias foucaultianas frente às outras correntes de pensamento que compõem os movimentos da causa racial no Brasil. Na apresentação do texto, por exemplo, a filósofa refere-se a alguns “herdeiros do materialismo histórico-dialético” como pensadores que invisibilizaram as questões raciais, privilegiando a supremacia do conceito de *classe social* (p. 20). Não há como negar essa afirmação; afinal, a dimensão racial foi negligenciada em muitas formulações marxistas. Contudo, dentro da tradição marxista, existiram aqueles que empregaram a dialética materialista a fim de compreender e transformar a realidade racial no Brasil. Um exemplo desses é o sociólogo Clóvis Moura – intelectual negro, orgânico da causa racial e marxista – que, inclusive, é referenciado por Carneiro (p. 44) como exemplo de inteligência

negra silenciada pelo epistemicídio. Isso nos leva a crer que a filósofa reconhece que outras correntes do movimento negro produziram contribuições ao estudo das relações raciais no Brasil. Dentro disso, enriqueceria a obra discutir como, e em que medida, as categorias foucaultianas superam as obras de Clóvis Moura, Joel Rufino dos Santos, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Abdias do Nascimento, entre outros.

Ainda assim, obra de Sueli Carneiro cumpre um papel fundamental em elucidar as diferentes formas de operacionalização do racismo no Brasil. Observando agência da racialidade de forma descentralizada, embora articulada nas relações sociais. Isto é, a forma como Carneiro manipula as categorias foucaultianas, frente à realidade brasileira, concedendo-nos um nível de abstração onde é possível analisar violências raciais estruturadas no Estado, mas não turva a visão sobre as formas de violência racial pulverizadas nos discursos e intuições que compõem as redes de poderes e saberes. Além disso, destacamos como uma excepcionalidade da obra a potência analítica oriunda dos testemunhos de militantes negros e negras, que possibilitam observar e refletir sobre múltiplas formas de agência da racialidade no Brasil, bem como, também, formas de resistência ao seu dispositivo de poder.

Diante do exposto, consideramos que a obra de Carneiro cumpre seu objetivo central, uma vez que adapta o instrumental teórico foucaultiano à compreensão das relações raciais no Brasil. A obra de Sueli Carneiro é imprescindível para compreensão da racialidade e para construção de um projeto emancipador. Uma empreitada de fôlego, que precisa ser debatida, criticada e assimilada por aqueles cujo horizonte é um projeto antirracista. Assim, indicamos a obra para filósofos, historiadores, cientistas sociais em geral, militantes, organizações e movimentos sociais que lutam por um projeto de emancipação racial.

---

## Referências

CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Resenha de: DELPHINO, G. Aparecida. *Tempo Social*, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 297-302, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2024.224100>. Acesso em: 15 out. 2025.

CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023. 431 p. Resenha de: MATOS, Luciana Vilela Dourado. *Racismo no Brasil. Crítica Historiográfica*, Natal, v. 3, n. 13, set./out. 2023. Disponível em: <https://www.criticahistoriografica.com.br/racismo-no-brasil-resenha-de-luciana-vilela-dourado-matos-sobre-o-livro-dispositivo-de-racialidade-a-construcao-do-outro-como-nao-ser-como-fundamento-do-ser-de-sueli-carneiro/>. Acesso em: 15 out. 2025.

CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de Racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023. 431 p. Resenha de: SILVA, Marcos Aurélio Soares da; SILVA, Maurício. *Dialogia*, São Paulo, n. 48, e25572, p. 1-9, set./dez. 2024.

SANTANA, Bianca. Desmontando o racismo à brasileira. *Stanford Social Innovation Review Brasil*, 20 out. 2023. Disponível em: <https://ssir.com.br/desmontando-o-racismo-a-brasileira/>. Acesso em: 15 out. 2025.

SOARES, Luiz Eduardo. A tese de Sueli Carneiro. *Novos Estudos*, 14 set. 2023. Disponível em: <https://novosestudios.com.br/a-tese-de-sueli-carneiro/#gsc.tab=0>. Acesso em: 15 out. 2025.

SUELI CARNEIRO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2025. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Sueli\\_Carneiro&oldid=70267898](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Sueli_Carneiro&oldid=70267898)>. Acesso em: 15 out. 2025

VIEIRA, Luciana Oliveira. Educação positivada. *Crítica Historiográfica*, Natal, v. 4, n. 15, jan./fev. 2024. Resenha de: CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023. 431 p. Disponível em: <https://www.criticahistoriografica.com.br/educacao-positivada-resenha-de-luciana-oliveira-vieira-ppgs-ufs-sobre-o-livro-dispositivo-de-racialidade-a-construcao-do-outro-como-nao-ser-como-fundamento-do-ser/>. Acesso em: 15 out. 2025.

---

## Sumário de *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*

Introdução: Emancipação para todos

Apresentação: O Ser e o Outro

I. Poder, saber e subjetivação

1. Do dispositivo:
2. O biopoder: Negritude sob o signo da morte
- 3 Epistemicídio
- 4 Interdições

II. Resistências

- 1 Edson Cardoso
- 2 Sônia Maria Pereira Nascimento
- 3 Fátima Oliveira
- 4 Arnaldo Xavier, o poeta (*In memoriam*)

III. Educação e o cuidado de si

- 1 Educação: Negação e afirmação
- 2 Educação e o cuidado de si

Fluxograma: Articulações funcionais entre saber, resistência e raça

Posfácio: A filosofia prática de Sueli Carneiro – Yara Frateschi

Agradecimentos

Notas

Referências bibliográficas

Créditos das imagens

Sobre a autora

Créditos

---

## Resenhista



Igor Evangelista dos Santos é mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe (PROHIS/UFS) e bolsista da Fundação Capes. ID Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3123751025682634>; ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-3201-0470>; redes sociais: @ig.or\_lopes; e-mail: [igorsantos.academico@gmail.com](mailto:igorsantos.academico@gmail.com).

---

## Para citar esta resenha

CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023. 432 p. Resenha de: SANTOS, Igor Evangelista dos: Raça, poderes e saberes. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 5, n. 26, p. 6-12, nov./dez., 2025.

---

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).